

A QUESTÃO DA MENTALIDADE E OS TRÊS ESPÍRITOS

Luiz Estrela*



Podendo optar, você prefere um serviço público ou privado? Por quê? Quando você pensa em usar um serviço estatal, passa pela sua cabeça o “**quem eu conheço lá?**”? Se passa, por quê? Se você fosse atendido na vida privada como você atende no *serviço público*, o que você sugeriria (através de um 0800) à empresa? A propósito, onde deveria ter surgido o **0800**? Na *empresa*, que mata e morre pelo menor custo, ou no *Estado*, que tem receita garantida para ter dever com o seu *cidadão*? E **onde ele surgiu**? A que você atribui a imagem de que “goza” o *Estado Brasileiro* (inclusive o servidor) junto à *sociedade*? Somente à *mídia*?

Admitamos:

- se, por um lado, o *Estado Brasileiro* sempre foi *obsidiado* pelo *espírito oligárquico* (*domínio, uso, clientela...*) que ajudou a derrotar a *sociedade* nestes seus cinco primeiros séculos, por outro, ele sempre foi secado pelo *espírito de corpo* (*voltado para si mesmo*) em que se fechou;
- se, por um lado, ele sempre foi destelhado na *ponta* (lá onde a *sociedade* o encontra), por outro ele sempre teve as suas paredes manchadas pela *mentalidade* que o desqualifica (*negligência, ineficiência, descompromisso...*).

Resultado: a *coisa pública brasileira* nunca aprendeu a se comportar como a *máquina profissional, eficiente e acessível* da qual o *mortal comum* e o *bom servidor* (*organizado, comprometido, objetivo ... profissional*) pudessem se orgulhar. Qual a responsabilidade de cada um quanto a isso? E como fica o princípio mínimo de *democracia* (*regras gerais, impessoais e objetivas e estruturas disponíveis e eficientes*)? Seria a *coisa pública brasileira* realmente *pública*?



Se se pensa em “**quem eu conheço lá?**”, talvez ela tenha sido sempre um tanto ... privatizada:

- pelas *elites* - inclusive quando lhe negam ou retiram recursos; e
- pelo *servidor*, **quando, incorporando ou exercendo vícios do sistema, concorda com ele e o reproduz.**

Aí, o paradoxo: fora do Estado, esse servidor queixa-se dos seus serviços; dentro, tende a esquecer de que é *cidadão*. Poderia a *sociedade* se perguntar - **caso dispusesse de uma escola pública que lhe aumentasse discernimento, oportunidades e aspirações**, e fosse mais *cidadão* - para que serve esse *Estado*? Será que ela não se perguntou quando pouco se incomodou com o fluxo de privatização que lhe tolheu o patrimônio nos anos 90?



Considerando-se que os vícios e as virtudes se fortalecem com o tempo, passou da hora de os setores politizados da sociedade brasileira prearem por coisa realmente pública: mentalidade profissional. Espírito público.